

Referência:

VARGAS, Mariana Daré; DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. Vasculhando o cenário em busca de respostas: a visão de três estudiosos sobre o uso de dicionários nas salas de aula de línguas estrangeiras. In: VII Selisigno e VIII Simpósio de Leitura da UEL, 2010, Londrina. **Anais...** Londrina: Inivitare Digital, 2010. p. 1-8.

**VASCULHANDO O CENÁRIO EM BUSCA DE RESPOSTAS: A VISÃO
DE TRÊS ESTUDIOSOS SOBRE O USO DE DICIONÁRIOS NAS SALAS DE
AULA DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

Mariana Daré Vargas (PG-UEL) (marianadarevargas@yahoo.com.br)
Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão (UFSC) (adja@cce.ufsc.br)

Introdução

Nas últimas décadas, o interesse despertado pelos pesquisadores no dicionário como objeto de pesquisa é cada vez maior, seja para aprofundar a compreensão de sua composição como obra lexicográfica, seja para analisar seus aspectos positivos e negativos.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a postura teórica de três estudiosos acerca da obra lexicográfica: Hernández (1993), Coura Sobrinho (2000), e Bevilacqua (2006). Apesar de cada um desses estudiosos lidar com um aspecto específico desse instrumento, há um ponto em comum entre eles: a aplicação da teoria lexicográfica como parte do referencial didático na sala de aula de língua estrangeira, especialmente no que diz respeito ao conceito de dicionário, aos seus problemas constitutivos e à importância de seu uso por aprendizes de línguas. Embora reconhecendo que a maior parte das obras lexicográficas presentes no mercado tem problemas e limitações, esses pesquisadores posicionam-se favoravelmente à sua presença no contexto educacional, permitindo que corroborem nosso ponto de vista de que o dicionário é um instrumento pedagógico fundamental para o ensino e a aprendizagem de línguas, seja ela materna ou estrangeira.

1. Os autores e o dicionário

O texto “De la teoría lexicográfica al uso del diccionario: el diccionario en aula aula”, de Humberto Hernández, foi publicado, em 1993, nos anais do *Tercer Congreso Nacional de ASELE: el español como lengua extranjera – de la teoría al aula*. Hernández é doutor em Filologia, associado ao departamento de Filologia Espanhola e professor da Faculdade de Ciências da Informação, na *Universidad de La Laguna*, Espanha. Em seu texto, Hernández tem, como objetivo principal, justificar a importância do uso do dicionário no âmbito do ensino e aprendizagem de línguas, e apresentar uma proposta de trabalho para lidar com esse instrumento na sala de aula. Para a consecução de seus objetivos, alcançados ao longo de sua reflexão, o autor traça um panorama da lexicografia e de suas áreas de atuação; apresenta a então presente condição do dicionário nas salas de aula; reflete sobre o papel do professor e da necessidade de sua “preparação lexicográfica” para a seleção dos dicionários a serem usados por seus alunos; e examina a heterogeneidade de consulentes que pode existir em um mesmo contexto de ensino, e como isso pode afetar no manuseio da obra lexicográfica. Pode-se perceber que Hernández considera imprescindível, na aprendizagem de uma língua, a utilização de dicionários.

O texto “Uso do dicionário configurando estratégia de aprendizagem de vocabulário”, escrito por Jerônimo Coura Sobrinho, está contido no livro “As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem” e foi publicado no ano de 2000. Coura Sobrinho é professor do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) em Minas Gerais. Atua em pesquisas em Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, sobre os temas: leitura em língua estrangeira, avaliação de proficiência em língua(s), recursos instrucionais eletrônicos, novas tecnologias e informática educativa. Em sua reflexão, Sobrinho não expõe, com frequência, a sua voz de pesquisador, mas pode-se perceber seu posicionamento favorável à presença do dicionário em sala de aula devido à apresentação de resultados de pesquisas que relacionam seu uso à autonomia do aluno e à aprendizagem de vocabulário.

O texto “Lexicografia Bilíngue – Aspectos Teóricos e Reflexões sobre os Dicionários Bilíngues Português-Espanhol e Espanhol-Português” foi publicado em 2006, no livro “Ensino-aprendizagem de Línguas: Língua Estrangeira”. Sua autora é

Cleci Regina Bevilacqua, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), cujas áreas de atuação são: Linguística Aplicada, com ênfase em Tradução e Terminologia, atuando, principalmente, nos temas: terminologia, língua espanhola, fraseologia especializada e tradução. Bevilacqua propõe, em seu artigo, uma reflexão acerca da fundamental importância de atividades que utilizam o dicionário em aulas de língua estrangeira, em especial de língua espanhola. Para isso, conceitua o dicionário, estabelece suas funções em relação aos usuários contemplados, apresenta sua estrutura de forma bastante esmiuçada e propõe sugestões para que possam ser mais bem elaborados.

2. Três autores, três temas em comum

Embora os três textos possuam objetos específicos distintos, eles refletem sobre a aplicação dos aspectos teóricos da Lexicografia na sala de aula. Dessa forma, buscam abordar três temas: *o conceito de dicionário; os problemas do dicionário; a importância do uso do dicionário em sala de aula*. É importante ressaltar que, ainda que reconheçam os problemas e limitações dos dicionários, os três autores posicionam-se favoravelmente ao seu uso no contexto de ensino e aprendizagem de línguas. Assim, o leitor, desde o início, já deve estar ciente de que será levado a concluir que esses instrumentos são imprescindíveis para a aprendizagem de uma língua, seja materna ou estrangeira.

2.1 O conceito de *dicionário*

Para abordar o conceito de *dicionário*, Hernández introduz, inicialmente, a importância da Lexicografia no ensino de línguas. Para ele, é importante que questões relacionadas a essa área estejam presentes nos currículos de graduação em Letras, pois seus profissionais não poderão ensinar efetivamente uma língua se não possuírem o domínio do dicionário, o qual conceitua como “*instrumento pedagógico fundamental y vertebrador de la enseñanza de la lengua*”.

Coura Sobrinho não conceitua o dicionário em sua reflexão, mas, em todo seu texto, expõe, citando teóricos e dados de trabalhos de Mestrado e Doutorado, a utilidade deste para os consulentes. Para ele, o dicionário é “uma ferramenta importante”, seja

para o desenvolvimento linguístico - mas não especifica a habilidade linguística - do usuário que está dentro da sala de aula, seja para o que está fora.

Bevilacqua, para conceituar o dicionário, recorre à Antiguidade, quando o dicionário já era considerado “o tesouro da língua, o lugar em que se guardam as palavras de determinada língua” (BEVILACQUA, 2006, p. 108). Para ela, a importância do dicionário na aprendizagem do léxico justifica-se porque é uma obra que carrega todo o universo lexical de uma língua.

2.2 Os problemas do dicionário

No que diz respeito aos *problemas do dicionário*, os três textos expõem questões convergentes acerca dessa temática. Para Hernández, os problemas do dicionário são limitações. No entanto, divide essas limitações entre os elaboradores dessa obra lexicográfica – os lexicógrafos – e usuários que, muitas vezes, não possuem capacidade crítica de seleção e tampouco sabem como manuseá-los corretamente.

Assim, o princípio de máxima informação em pouco espaço, empregado pelos lexicógrafos, esbarra na falta de capacidade crítica dos consulentes que não foram instruídos corretamente por professores que careciam de sólida “preparação lexicográfica”. Para isso, propõe que os dicionários sejam elaborados com base em uma perspectiva que leve em conta a heterogeneidade de usuários – usuários com conhecimento e domínio do idioma, usuários em fase de aprendizagem da segunda língua ou da língua materna. Igualmente, é necessário que os professores, para que ensinem sua utilização correta, atentem-se para três pré-requisitos, a saber: 1) possuírem uma sólida preparação lexicográfica, já que não se pode ensinar o manuseio de algo com o qual não se tem familiaridade, bem como estar consciente de que os aprendizes devem ter aulas práticas sobre o dicionário, em detrimento de aulas teóricas; 2) estarem conscientes das limitações, do caráter temporal e normativo do dicionário, evitando, assim, que seus aprendizes tornem-se dependentes deste e prejudiquem seu “espírito criativo”, tanto na compreensão quanto na produção em L2. A fim de corroborar seu argumento, o autor cita Trujillo (1990, p. 118):

Sería lógico que alguien que intentase enseñar a sus alumnos todas las posibilidades del instrumento idiomático tomase el diccionario como punto de partida de la libertad idiomática y no como un repertorio de imaginarias prohibiciones (TRUJILLO, 1990, p. 118).

Por fim, o terceiro e último pré-requisito mencionado para que o professor esteja apto a ensinar os alunos a manusearem o dicionário é: terem como objetivo tornar o estudante em um usuário que saiba usar o dicionário com autonomia, conscientes de que o domínio das habilidades de correta utilização do dicionário não constitui um fim em si mesmo, senão que se trata de um meio para melhorar o domínio da língua.

Hernández deixa claro que, para ele, o bom manuseio do dicionário está diretamente ligado a um bom domínio da língua estrangeira, e que o professor desempenha um papel fundamental para que ambos os comportamentos ocorram.

Como Hernández, Coura Sobrinho associa as deficiências dos dicionários à falta de preparo dos usuários para utilizá-los. Ele se pauta em dados qualitativos e quantitativos de pesquisas realizadas sobre o uso dos dicionários, e cita o trabalho de Tomaszczyk (1979), em que este se deparou com a falta de preparo tanto dos alunos, quanto dos professores para usarem uma obra lexicográfica. Dessa maneira, os professores deveriam, em sua formação, estar aptos a instruir seus estudantes a lidarem com o dicionário. No entanto, Coura Sobrinho não expõe apenas o problema. Após discorrer sobre essa problemática, apresenta pesquisas que trabalharam com a questão de orientação sobre o uso de dicionários. Ele cita Scholfield (1982), com suas *Habilidades para consultar dicionários*, e Béjoint (1989, p. 7): “com instrução adequada e com a prática, o uso de dicionários pode interferir significativamente no desempenho de compreensão da leitura”.

É importante ressaltar que, enquanto Hernández associa as habilidades de produção e compreensão ao uso do dicionário, Coura Sobrinho centra-se apenas habilidade de leitura ou compreensão.

Bevilacqua, no que diz respeito a essa temática, centra-se nas contradições e incoerências dos dicionários bilíngues português-espanhol e espanhol-português. Para ela, a causa das limitações desses dicionários é decorrente do equívoco que muitas equipes de elaboração cometem, ao tentar contemplar, em uma mesma obra, as funções codificadora e decodificadora. Para ela, o ideal seria que se dispusesse de quatro tipos de dicionários para atender às necessidades específicas dos usuários: dicionário de português-espanhol de produção para usuários falantes de português; dicionário espanhol-português de compreensão do espanhol para usuários falantes do português;

dicionário espanhol-português de produção para usuários falantes do espanhol; dicionário português-espanhol de compreensão do português para usuários falantes do espanhol.

Entretanto, ciente de que esse ideal está bastante distante da realidade, faz uma análise minuciosa das estruturas que compõem os dicionários – superestrutura, macroestrutura e microestrutura, com o objetivo de que cada elemento analisado seja considerado como critério de avaliação de qualidade e adequação para o consulente no momento de eleger seu dicionário ideal. E conclui que:

[...] quanto maior o número de informações dadas ao usuário na superestrutura, maior será a garantia de termos um dicionário de qualidade. Do mesmo modo, se a seleção léxica está de acordo com os usuários estabelecidos e com as funções do dicionário, também teremos um dicionário de melhor qualidade. Finalmente, se dispusermos, na microestrutura, de um conjunto de informações consistentes, indicadas de forma sistemática, e conforme com o tipo de entrada e também às necessidades dos usuários e suas finalidades, a tendência é ter um dicionário de qualidade assegurada (BEVILACQUA, 2006, p. 136)

2.3 A importância do uso do dicionário em sala de aula

No que concerne à *importância do uso do dicionário em sala de aula*, Hernández defende seu uso e o justifica ao afirmar que o bom uso do dicionário acarreta em melhor aprendizagem de uma língua. Assim, reflete sobre o usuário ideal e as três habilidades que este deveria ter: 1) capacidade para eleger o dicionário adequado, de acordo com o tipo de informação necessitada (monolíngue ou bilíngue, para nativos ou para estrangeiros, entre outros); 2) ser capaz de encontrar qualquer unidade léxica – dominar a ordem alfabética, compreender os princípios de lematização, saber localizar as unidades léxicas pluriverbais e saber resolver os problemas que ocorram com as palavras que não poder ser encontradas explicitamente; 3) poder extrair toda informação que contém o verbete lexicográfico, compreendendo definições, escolhendo a acepção apropriada, localizando a informação gramatical, as marcas diatópicas (regionalismos), diastráticas (linguagem familiar) e diafásicas (uso figurado), por meio das abreviaturas, códigos e símbolos empregados. Somente dessa forma,

Desarrollando estas destrezas con una programación adecuada y una metodología variada y cotidiana, conseguiríamos, con toda seguridad, buenos usuarios del diccionario e, en consecuencia,

buenos usuarios del idioma. Y es éste y no otro, el verdadero objetivo que debemos proponernos quienes nos dedicamos a la enseñanza de la lengua (HERNÁNDEZ, 1993, p. 198).

Cabe ressaltar que, para ele, o usuário ideal só chegaria a ser ideal se fosse ensinado por professores com “sólida preparação lexicográfica”, como já ressaltou nos *problemas do dicionário*.

Coura Sobrinho, por sua vez, cita a associação que se fez entre uso de dicionário e autonomia do aprendiz pelos teóricos Gairns (1995) e Boschirolli et al. (1995). Gairns propôs que o aluno que fizer bom uso do dicionário será mais bem capacitado para tomar decisões acerca de sua aprendizagem:

um aprendiz que fizer bom uso de um dicionário estará apto a continuar aprendendo fora do ambiente de sala de aula, o que lhe proporcionará considerável autonomia sobre decisões que tiver que tomar sobre sua própria aprendizagem (GAIRNS, 1995, p. 79).

Boschirolli afirmou que o acesso às informações constantes em dicionários depende do grau de autonomia do aluno. Outrossim, Coura Sobrinho salientou a questão de que a aprendizagem de vocabulário pode ser favorecida por meio de uso de dicionários. Para isso, referiu-se a Luppescu e Day (1992), quando estes concluíram, por meio de testes de vocabulário, que o uso do dicionário bilíngue surte efeito positivo na performance dos leitores.

Bevilacqua abordou a importância do dicionário no contexto de ensino e aprendizagem por meio do destaque do ensino do léxico de uma língua. Para ela,

O léxico é parte constitutiva essencial de uma língua e os dicionários são instrumentos que o representam para que os falantes disponham de informações adequadas e suficientes para a compreensão dos significados das palavras e também de seu uso (BEVILACQUA, 2006, p. 108).

Portanto, a autora julga o dicionário como “elemento importante no desenvolvimento de tarefas que incentivam não apenas a compreensão, mas principalmente a aquisição do seu léxico”. Ela argumenta por meio da afirmação de que o universo lexical é o portador da cultura, das formas de ver o mundo e das idiosincrasias de determinado povo. Igualmente, ela apresenta o dicionário bilíngue como “ferramenta essencial no processo de aquisição de uma LE” por exercer o papel de mediador entre duas culturas.

3. Conclusão

Concluimos que os textos apresentados são reflexões importantes para aqueles que associam o estudo da Lexicografia ao ensino e aprendizagem de línguas, pois abordaram, de maneira bastante didática e explicativa, a temática dos dicionários em sala de aula. No entanto, ainda que em uma área maior os textos sejam semelhantes, nas suas especificidades, trouxeram olhares distintos à presença de uma obra lexicográfica no âmbito da sala de aula. Isso os tornou mais interessantes, pois foi possível enxergá-los como complementos um do outro.

REFERÊNCIAS

BEVILACQUA, C. R. Lexicografia Bilíngue: aspectos teóricos e reflexões sobre os dicionários bilíngues português-espanhol e espanhol-português. In: ROTTAVA, L.; SANTOS, S. S. dos. (Org.). *Ensino-aprendizagem de línguas: língua estrangeira*. Ijuí: Unijuí, 2006. v. 1, p. 107-138.

COURA SOBRINHO, J. Uso do dicionário configurando estratégia de aprendizagem de vocabulário. In: LEFFA, V. J. (Org.). *As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem*. Pelotas: Educat, 2000. p. 73-94.

HERNÁNDEZ, H. De la teoría lexicográfica al uso del diccionario: el diccionario en el aula. In: CONGRESO NACIONAL DE ASELE: el español como lengua extranjera: de la teoría al aula. *Actas del 3er. Congreso Nacional de Asele*. Málaga: Asele, 1993. p. 189-200.